

ROBERTO HEYMANN E AS FALSIFICAÇÕES DE DEBRET

Marcelo Bortoloti

falsificação autoria
Jean-Baptiste Debret Roberto Heymann

Através do relato de um caso de falsificação em série das aquarelas do pintor francês Jean-Baptiste Debret, este trabalho se dedica a refletir sobre o papel de agentes do mercado na construção e manutenção do valor simbólico de uma obra de arte.

O marchand Roberto Heymann tem sido citado como um dos grandes falsários que já atuaram no mercado de arte brasileiro e internacional. Nos últimos anos, publicações apontam, em coleções nacionais e estrangeiras, diversas obras falsas do pintor alemão Johann Moritz Rugendas e dos franceses Jean-Baptiste Debret e Arnaud Pallière,

que foram comercializadas por Heymann durante a primeira metade do século 20.¹ O exemplo mais notório de sua atividade foi a venda de 42 falsificações de Debret ao colecionador Raymundo Castro Maya, e que hoje pertencem ao museu que leva seu nome no Rio de Janeiro. Os mecanismos que permitiram a esse falsário inserir obras de sua lavra em coleções importantes e preservá-las durante décadas distante de qualquer questionamento ajudam a refletir sobre a lógica de funcionamento do mercado de arte.

Heymann nasceu na cidade de Corumbá, estado do Mato Grosso então, em 1886. Filho de imigrantes judeus franceses, com pouco mais de 20 anos mudou-se para Paris, onde começou a trabalhar no comércio de livros e antiguidades. Na década de 1930, montou um antiquário que batizou de Casa Brasileira e que por muito tempo ocupou endereço nobre na capital francesa, nas proximidades do Arco do Triunfo e da Avenida Champs-Élysées. Seus principais clientes eram colecionadores latino-americanos, e sua especialidade obras ou objetos relativos ao século 19, sobretudo gravuras, pinturas e aquarelas produzidas por artistas viajantes que passaram pela América Latina no período colonial.

O marchand atuou em Paris pelo menos até o final dos anos 50. E soube tirar proveito do interesse de colecionadores latino-americanos pela iconografia local, que teve seu ponto culminante na primeira metade do século 20. Por volta dos anos 30, livros como o *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, publicado por Jean-Baptiste Debret entre 1834 e 1839, eram itens bastante disputados por colecionadores brasileiros.

Falsificação a partir de Jean-Batiste Debret (autor desconhecido), *Caboclo*, aquarela, s.d., Museu Castro Maya

ROBERTO HEYMANN AND DEBRET FORGERIES | From the account of a case of forgery in series of watercolors by French artist Jean-Baptiste Debret, this article reflects upon the role of art dealers in building up and maintaining the symbolic value of a work of art. | forgery authorship Jean-Baptiste Debret Roberto Heymann

Heymann comercializou vários desses livros com gravuras de índios e cenas urbanas retratados por Debret, além de gravuras isoladas, que vendia separadamente.

Seu maior feito nesse período foi ter encontrado as aquarelas e esboços preparatórios que deram origem ao livro de Debret. Eram os desenhos que o artista fez ainda no Brasil e que posteriormente levou a Paris, onde serviram de base para as gravuras do livro. Heymann conseguiu localizar um conjunto com mais de 500 obras em papel, guardadas na residência de M. Prat Morize, neta do irmão do artista, François Debret. Muitas delas representavam cenas inéditas do Brasil colonial, que não haviam aparecido em *Viagem pitoresca*.

Num período de grande interesse por Debret entre os colecionadores brasileiros, sua descoberta foi grandiosa. Heymann vendeu 551 aquarelas e desenhos para o colecionador Raymundo Castro Maya, que se tornou o proprietário da maior coleção existente do artista. Castro Maya era um empresário bem-sucedido, solteiro e sem filhos. Foi um ativo colecionador de arte, conhecido pelo gosto refinado, que tinha particular interesse por imagens antigas relativas ao Rio de Janeiro.

A compra das aquarelas intermediada por Roberto Heymann aconteceu entre 1939 e 1940. Foram três vendas separadas (num primeiro lote foram vendidas 200 obras, no segundo 116 e no terceiro 234). O empresário desembolsou o total de 515 mil francos pelos três lotes, numa época em que uma edição do livro custava entre 150 e 600 francos. A transferência das peças de Paris para o Rio de Janeiro fez difundir e valorizar a obra de Debret no Brasil. Em meio aos desenhos e aquarelas legítimas, porém, vieram também 42 falsificações.

Hoje sabe-se que Heymann, ao longo da carreira, se aproveitou da boa fé de seus clientes para vender obras falsas de Debret, Rugendas e

Pallière. Mas na época seu prestígio ainda estava em alta. Nesse caso ele utilizou um método simples de falsificação. Uma vez que os desenhos e aquarelas de Debret eram obras preparatórias que deram origem às gravuras publicadas no livro *Viagem pitoresca ao Brasil*, Heymann cotejou as gravuras do livro com as obras originais que estava vendendo. Percebeu que muitas gravuras publicadas por Debret não tinham a aquarela original correspondente. Provavelmente o original se havia perdido quase um século depois. Diante disso, decidiu produzir “originais” a partir das gravuras do livro. Contratou artistas que copiaram as gravuras em papel envelhecido usando a técnica da aquarela e assinaram embaixo com a firma de Debret. Se o artista usou as aquarelas para produzir as gravuras do livro, Heymann fez o processo inverso para produzir as falsificações. A maioria das obras falsas tem a mesma assinatura, mas a fatura do desenho é diferente, o que indica a participação de mais de um artista no golpe.

Com esse método, Heymann produziu 34 aquarelas “originais” de Debret que entraram no negócio. As outras oito falsificações eram obras de outros artistas do século 19 que foram vendidas como Debret, algumas trazendo assinatura falsa. As cartas trocadas entre Castro Maya e Roberto Heymann, hoje arquivadas no Museu Castro Maya, no Rio, delineiam a anatomia desse crime. Elas começam em 1939 mostrando um relacionamento cordial e se enceram em 1947, depois de um rompimento tumultuoso. Fica patente, por um lado, que a demanda do colecionador por novas obras originais e pela totalidade do conjunto contribuiu para a aplicação do golpe. Por outro, o silêncio em torno do caso foi fundamental para a perpetuação do crime.

Não restou documentação relativa à compra do primeiro lote de 200 obras. As cartas se iniciam com a negociação do segundo lote, a partir de

maio de 1939. Heymann escreveu de Paris oferecendo 116 obras, entre elas os originais das gravuras, além de esboços e imagens completamente inéditas. Na carta seguinte, dizia aceitar a oferta de 85 mil francos feita por Castro Maya. Depois do negócio concretizado, escreveu novamente em julho daquele ano:

A maior satisfação que eu tive na minha vida de livreiro-antiquário foi de descobrir as aquarelas de Debret, artista que eu apreciava ao ponto de ter escolhido desde sempre como marca de minha casa o célebre "archercabocle" desenhado por ele.

Estes originais provêm dos herdeiros, o senhor Morize e senhora Madame Morize, filha da falecida Madame Prat, a qual era sobrinha-neta de J.B. Debret. Numa carta junta, ela explica-me a sua satisfação de saber que estas obras-primas estarão no Rio de Janeiro, o seu verdadeiro lugar. Adquirindo-os, o senhor terá a glória de repatriar estes esplêndidos originais cheios de talento, de observação, de movimento, unindo as qualidades de composição à delicadeza das cores, e constituindo os mais completos quadros da vida da nossa terra no tempo da Independência. Vem a ser uma enorme contribuição da sua parte para o Patrimônio Artístico Nacional.²

A carta veio acompanhada de outra, em francês, com assinatura de M. Morize, em que ela falava da alegria de ver as obras voltarem ao Brasil. Não mencionava, porém, o número de obras que vendeu nem a existência de outros lotes. Até esse momento, não há indícios de que Heymann tenha incluído alguma falsificação no conjunto. Em novembro daquele ano, Castro Maya escreveu ao marchand encomendando pratos de sobremesa da Companhia das Índias, e voltou a falar em Debret. Disse que cotejou suas aquarelas com as gravuras do livro, e fez um novo pedido:

Agora que já as classifiquei, verifico que infelizmente faltam muitas, principalmente as que se referem às cerimônias do nosso Primeiro Império. Quem sabe se a família não as conservou? Seria interessante procurar saber que destino levaram; conto consigo para descobrir ainda as que faltam.³

O trecho mostra que o colecionador não priorizava obras inéditas, mas estava atrás de originais de imagens já conhecidas do livro, especialmente de cerimônias do Império que estão no volume final da publicação e que eram consideradas importantes pelos colecionadores da época. Foram justamente essas, além das cenas indígenas, que Heymann mandou copiar. Mas não fez isto de imediato. Em março de 1940, ele anunciou a novidade: "confiaram-me novo lote de 120 bonitas aquarelas originais de Debret".⁴ Disse que eram obras coloridas e em cor sépia, representando a partida do artista de Paris e várias cenas brasileiras. Castro Maya ainda não estava totalmente satisfeito. Uma semana depois, escreveu:

Quando adquiri os dois primeiros lotes eu já previa que iam aparecer outros; como se vê, não me enganei nas minhas previsões; e, a vista do que sucede, prevejo que dentro em pouco ainda vão surgir novas. Seria mais interessante reunir todos os trabalhos do artista, mesmo porque, como sabe, pretendo mais tarde doar essas aquarelas e desenhos ao Museu de Belas Artes, para fazer uma sala J.B. Debret.⁵

Na mesma carta, o colecionador insistia:

Para nós brasileiros, as que despertam mais curiosidade seriam os originais das que constam do fim do terceiro volume, i.e, dos acontecimentos históricos; ora, estas não aparecem!

Exatos sete dias depois, o marchand respondeu prestativo:



Jean-Baptiste DEBRET, Embarque na Praia Grande, quadro a óleo, s.d., Museu Imperial

*Felicito-o pela sua perspicacidade. Com efeito, além do lote atual (o terceiro) ainda existem o quarto e último lote que não desespere de obter também. Deste quarto e último lote fazem parte os assuntos mais históricos, aquarelas ou sépias.*⁶

Aqui já aparece a intenção do falsário. Heymann mandou produzir seis aquarelas com assuntos históricos na cor sépia, que tornava a falsificação com menos possibilidade de erro, e outras cinco coloridas. A correspondência prossegue e, em abril de 1940, Castro Maya fez uma exigência para concluir a compra:

*Tendo demonstrado toda confiança no prezado amigo, espero que corresponderá à mesma, obtendo da família uma declaração formal que com esses lotes me foram entregues todos os originais que a família e V.S. possuíam do artista. É justo que, tendo pago um preço que até hoje nunca alcançou nenhuma obra sobre o Brasil, tenha a garantia de que amanhã não vão surgir outras, o que seria muito desagradável para mim.*⁷

O colecionador quis prevenir-se de que seria dono da coleção integral dos originais de Debret, artista tão valorizado no Brasil. Certamente um sinal de prestígio. Heymann respondeu dizendo que a família garantia não haver mais nenhuma obra, e ele próprio assegurava ter entregue todas. A partir de então, Castro Maya começou a divulgar sua coleção, preparando uma grande exposição e um livro.

Em agosto de 1946, seis anos após a compra, um acontecimento desagradável veio abalar a relação dos dois. Castro Maya descobriu que Heymann havia vendido três aquarelas idênticas às suas para o príncipe dom João de Orleans e Bragança – eram falsificações de *Um jantar brasileiro*, *Botica* e *Vendedores de flores e fatias de coco*. Não há correspondência documentando o episódio. Sabe-se apenas que Heymann, depois de flagrado, decidiu rasgar as obras e devolver o dinheiro. Castro Maya recolheu os pedaços das aquarelas destruídas, até hoje arquivadas no museu, e anotou no verso:

“Falsificação destruída na minha presença pelo Sr. Roberto Heymann. Haviam sido vendidas ao príncipe D. João. Reconheceu a falsificação e as inutilizou em agosto de 1946”.⁸

O colecionador não rompeu relações com o marchand por esse motivo. Eles continuaram trocando correspondências cordiais até novembro de 1947. Em dezembro, Castro Maya encontrou mais obras falsas nas mãos de outro colecionador. E escreveu, furioso:

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1947

Prezado Senhor:

Com grande surpresa, indo a um fabricante de molduras, deparei com três aquarelas, assinadas J.B. Debret, representando “Negres vendeurs de volailles”, “Boutique de barbiers”, “Interior d’une maison de ciganos”.

Estas três aquarelas têm o seu carimbo e foram vendidas ao Dr. Edgard Pinho. Isto muito me surpreendeu pois, apesar de suas alegações formais que, a não ser as imitações vendidas ao príncipe D. João, não tinha feito negócio com pessoa alguma, de ver mais essas três falsificações grosseiras que somente podem enganar a boa fé dos amadores brasileiros, confiantes na tradição de sua casa.

Mandei examiná-las por diversos professores e “experts”, todos eles foram unânimes em reconhecer a evidente falsificação das aquarelas carimbadas pela casa Heymann de Paris (junto a fotocópia de uma das expertises).

Caso o Dr. Edgard Pinho concorde, exporemos aqui para o público, as aquarelas verdadeiras e as falsas, dando toda publicidade à indústria de falsificações a fim dos amadores brasileiros estarem de sobreaviso e por intermédio da Embaixada vamos ver quais as medidas a

tomar, talvez mesmo o pedido oficial do fechamento do seu estabelecimento.

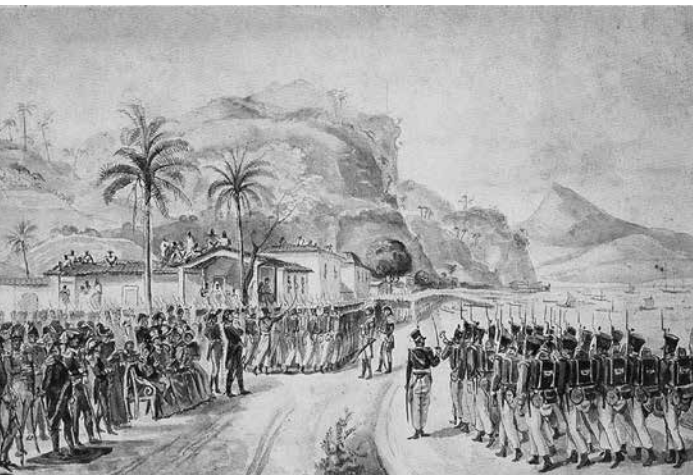
*Sem mais, subscrevo-me.*⁹

Não houve a exposição, nem Castro Maya quis dar tanta publicidade ao assunto. Mas ele tomou as dores do colecionador Edgard Pinho, embora não tivesse relação direta com essas falsificações. Primeiro porque o fato de Heymann continuar vendendo obras de Debret a outros colecionadores que não ele, consistia numa espécie de quebra de monopólio, que rompia a promessa feita pelo marchand. Depois, a enxurrada de obras falsas partindo da mesma casa de onde saiu sua importante coleção desqualificava, ou pelo menos faria levantar suspeita, sobre o seu próprio conjunto. Heymann tentou contemporizar os fatos. Em 29 de dezembro, escreveu:

*Honradamente conhecido em todo o mundo, venho elevar a mais veemente protestação contra as suas caluniosas insinuações e contra os termos inexatos, falsos e pérfidos, entremeados de ameaças que o senhor emprega para comigo. O pequenino número de originais de Debret comprados pelo Príncipe Dom João e pelo senhor Edgard Pinho nunca foram falsificações. Eles foram reconhecidos autênticos pelo expert que o senhor mesmo designou, o senhor Andre Schoeller, justamente considerado como o primeiro expert de Paris. De mais a mais, posso fornecer a prova da procedência deste pequeno numero de originais. Minha boa fé não pode ser posta em dúvida.*¹⁰

Na carta, ele dizia estranhar a surpresa de Castro Maya ao descobrir as obras de Debret com Edgard Pinho. Segundo o marchand, esse fato já havia sido comunicado ao colecionador:

O número dos originais do Príncipe e do senhor Pinho era tão pequeno, e como tratava-se de



Falsificação a partir de Jean-Batiste Debret (autor desconhecido).
Embarque na praia Grande, aquarela, s.d., Museu Castro Maya

variantes dos seus, o Senhor deu-se por satisfeito depois da minha promessa de não vender mais Debret a não ser ao Senhor até mesmo se fossem variantes. (...) O Senhor tem, graças a mim, a quase totalidade das obras originais de Debret, mas realmente parece que o seu ciúme de colecionista não pode suportar que um outro colecionista possa possuir um original deste autor.¹¹

Por fim, ele tentou dissipar a rusga:

Caso o senhor Edgar Pinho, influenciado e incitado por si, quisesse devolver-me os originais de Debret, eu, sempre desejoso de agradar a um patricio amigo, estou pronto a retomá-lo reembolsando o seu preço.¹²

Esta carta nunca foi respondida. Na mesma ocasião, Castro Maya escreveu para o expert francês André Schoeller, que autenticou as obras vendidas a Edgard Pinho, alertando sobre o acontecido. Na carta em francês, ele disse que Heymman, para satisfazer os colecionadores brasileiros, “não pôde resistir à tentação de fazer imitações”. Disse não desconfiar da boa fé de Scholler e chamou a aten-

ção para a necessidade de um exame metuculoso da próxima vez que o marchand lhe submeter qualquer peça.

É provável que Heymman vos faça entender que as aquarelas em questão não têm grande valor de mercado, situando-se na faixa de mil francos a peça. Talvez seja interessante você saber que, entre colecionadores brasileiros, há compradores que pagam entre 20 mil e 40 mil cada aquarela.¹³

É interessante essa menção de Castro Maya porque permite uma conta simples. Levando em consideração que em 1940 ele pagou meio milhão de francos pela sua coleção de 551 obras, sua valorização em sete anos foi estupenda. Colocando o preço mínimo de 20 mil francos por aquarela, somente estas obras da sua coleção composta por 490 aquarelas e 61 desenhos valiam 9,8 milhões de francos em 1947. Embora Castro Maya tenha sido ludibriado em algumas dezenas de obras, o negócio que fez com o marchand foi extremamente vantajoso.

Depois dessas cartas duras, não há mais registro de troca de correspondência entre o marchand e o colecionista. A contenda entre os dois ficou restrita ao âmbito privado, conhecida no máximo por um grupo seletivo de colecionadores, e só chegou ao conhecimento do público mais de meio século depois.

Castro Maya foi um grande divulgador da obra de Debret no Brasil. Publicou livros, promoveu exposições, emprestou peças de sua coleção para ser publicadas ou expostas em museus. Posteriormente surgiram outros conjuntos originais de Debret, mas o seu acervo teve sempre o maior prestígio, e foi o mais estudado e divulgado. O colecionista, no entanto, jamais admitiu que qualquer uma de suas obras fosse falsa. É estranho imaginar que,

diante das acusações que pesavam sobre Heymann, ele não se tenha voltado para sua própria coleção atrás de possíveis falsificações.

Castro Maya era famoso por seu refino e acuidade visual. Não é difícil perceber o quão desmoralizante seria para um colecionador a quem eram atribuídas tais predicados admitir que havia adquirido falsificações de qualidade duvidosa. Mas existem indícios de que tinha consciência da presença das obras falsas. Em 1954, ele publicou em Paris o livro *J.B. Debret, viagem pitoresca e histórica ao Brasil: aquarelas e desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot, 1834*. No livro, ele reúne 100 aquarelas inéditas de Debret, excluindo cuidadosamente todas as falsas. A coleção tem oito falsificações inéditas vendidas por Heymann e que não foram copiadas de gravuras do livro. Na publicação, o colecionador não incluiu, por exemplo, uma bela paisagem de Olinda e outra de Fernando de Noronha, ambas falsas, que seriam relevantes para o seu livro. Além da evidência visual, o colecionador poderia ter desconfiado das peças por um fato notório: Debret nunca esteve nessas localidades.

Castro Maya faleceu em 1968 e deixou todo o acervo, incluídas as obras de Debret e de outros artistas, à fundação e ao museu que levam seu nome no Rio de Janeiro, e que hoje pertencem ao governo federal. Desde então, pesquisadores e funcionários do museu tiveram contato direto com as obras falsas, sem que isto fosse discutido mais a fundo ou divulgado publicamente.

Revestidas pelo prestígio da coleção, as aquarelas falsas de Debret ganharam o mundo. Muitas ilustraram livros escolares que tratam da história do Brasil. Pelo menos cinco falsificações aparecem no livro *Índios no Brasil* (Global Editora, 2005) organizado por Luís Grupioni, com textos de Marile-

na Chaui e outros. Três são reproduzidas em *Arte na América Latina* (Cosac Naify, 1997), de Dawn Ades, como exemplos de uma “série extraordinária de imagens muito vivas da sociedade brasileira”. Mais de uma dezena delas ganharam destaque na exposição e no catálogo *Castro Maya, colecionador de Debret* (Editora Capivara, 2003). Em 2009, algumas falsificações integraram a mostra internacional que homenageou Tarsila do Amaral na Fundação Juan March, na Espanha. Em 2011, a aquarela falsa *Desembarque da Princesa Leopoldina* foi utilizada como capa no livro *Coroadas em terras distantes* (Editora Ambientes), de Michael de Kent.

As falsificações produzidas por Heymann foram denunciadas publicamente pela primeira vez em 2009, no livro *Debret e o Brasil: obra completa* (Editora Capivara), um catálogo *raisonné* com todas as obras do artista, de autoria de Júlio Bandeira e Pedro Côrrea do Lago. Diante da denúncia, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), ao qual o Museu Castro Maya era subordinado, decidiu criar um grupo multidisciplinar para reavaliar as obras. O grupo era formado por especialistas em análise química, história da arte, museologia e grafoscopia. O resultado da análise foi publicado em 2009, confirmando as falsificações e trazendo informações mais alentadas sobre cada uma delas.

Em termos de análise formal, o que o catálogo *raisonné* e o estudo do Ibram trazem sobre essas obras de que falamos até aqui é que muitas delas eram grosseiras. Durante meio século, entretanto, elas passaram incólumes às observações da crítica, foram publicadas em livros e exibidas em importantes exposições. Nunca foi mencionada mesmo a existência de alguma obra “menor” de Debret. Nessa virada, como se o véu que as encobria tivesse sido retirado, muitas das aquarelas agora desnudadas da presença do autor começaram a apresentar suas imperfeições, invisíveis todo esse tempo.

A aquarela falsa *Caboclo*, copiada de gravura idêntica do livro de Debret, é analisada assim no estudo do Ibram:

*A aquarela foi tratada de maneira transparente, mas sem a leveza de Debret. As carnações do índio maior não coincidem com as de outras figuras de aquarelas autênticas do artista francês. O assentamento deste índio está grosseiro.*¹⁴

Na imagem, um dos índios deitados no chão parece estar flutuando na água:

*O deslize maior desta aquarela refere-se ao índio do fundo, que parece flutuar sobre as águas de um rio, assim como o pássaro morto que está ao seu lado. Certamente, o autor confundiu a superfície mais escura (que na litografia sem cores confere distanciamento do primeiro plano), com um rio, colorindo-o de azul e dispondo plantas aquáticas nas suas "margens".*¹⁵

Outro erro foi cometido na aquarela *Embarque na Praia Grande das tropas que se destinam ao sítio de Montevidéu*, copiada de gravura sem cores com o mesmo tema que consta no livro. O falsário decidiu colorir as roupas dos nobres, mas não se atentou de que todos deveriam estar de luto pela morte de dona Maria, como consta na documentação da época e num quadro a óleo em que Debret reproduz a mesma cena:

Consonante com isto, ou seja "os primeiros dias de luto", Debret representou todos os personagens da corte, à exceção dos militares, trajando roupas negras. Assim aparece na prancha já citada, da Viagem Pitoresca e no quadro a óleo pertencente ao acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Ignorando totalmente este fato, o autor desta aquarela representou os personagens com roupas colo-

*ridas, sobretudo D. Carlota Joaquina e as quatro filhas, sentadas, à direita da composição.*¹⁶

Em outra aquarela, *Botocudos, Puris, Patachós e Machacalis*, o falsário comete mais um erro ao tentar "melhorar" a gravura de Debret, reduzindo o tamanho exagerado dos lábios dos índios:

*A discrepância maior refere-se aos lábios das duas índias, perfeitamente normais, contrariando totalmente o costume dos botocudos de fazer uma grande incisão no lábio inferior para inserir botoques. Este "detalhe" incommum foi muito bem observado por Debret, que, não só os reproduziu nos seus desenhos, inclusive, nas duas índias da prancha 10, mas também os descreveu textualmente (...). Este deslize do autor desta aquarela denuncia que o mesmo não se deu ao trabalho de pesquisar o texto da Viagem Pitoresca, limitando-se apenas a reproduzir as litografias ou, como no caso desta, em remontar seus elementos principais "criando" uma nova composição.*¹⁷

A documentação apresentada até aqui leva a algumas reflexões. Um marchand ganancioso aproveitou seu prestígio no mercado para vender obras falsas em meio a verdadeiras. Observou as demandas da época e produziu peças falsificadas dos autores então em moda. Com isso, conseguiu enganar uma série de colecionadores, incluindo um importante empresário, famoso pela sua reputação de mecenas. O empresário recusou-se a admitir que fora enganado, e o prestígio da sua coleção autorizou a circulação das obras falsas em meio às verdadeiras. As falsificações foram exibidas ao público, impressas em livros e louvadas pela crítica. Quase 70 anos depois, foram finalmente desmascaradas. Sem a aura do autor, analisadas apenas na sua condição de falsas, sua "verdadeira" face

apareceu: sempre foram falsificações grosseiras que ninguém havia percebido.

O caso Heymann é emblemático por mostrar como funcionam as engrenagens no mercado da arte, e como esses interesses pessoais e mercadológicos afetam o público e a apreciação que se tem de determinada obra de arte. O pintor torna-se um gênio incontestável a partir de uma construção histórica e uma extensa rede de negociações sociais. O espectador consegue fruir essa obra e admirá-la tendo sua sensibilidade orientada por autoridades culturais. Nesse contexto, o valor intrínseco de qualquer obra de arte, se ele existe de fato, importa menos que os elementos que a cercam e a posição social que ela ocupa.

NOTAS

1 *Debret e o Brasil: obra completa*, Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2009; *Pallière e o Brasil: obra completa*, Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2011, *Rugendas e o Brasil: obra completa*, Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2012.

2 Acervo Museu Castro Maya, carta de 25 jul. 1939.

3 Acervo Museu Castro Maya, carta de 23 nov. 1939.

4 Acervo Museu Castro Maya, carta de 1 mar. 1940.

5 Acervo Museu Castro Maya, carta de 8 mar. 1940.

6 Acervo Museu Castro Maya, carta de 15 mar. 1940.

7 Acervo Museu Castro Maya, carta de 11 abr. 1940.

8 Acervo Museu Castro Maya.

9 Acervo Museu Castro Maya, carta de 18 dez. 1947.

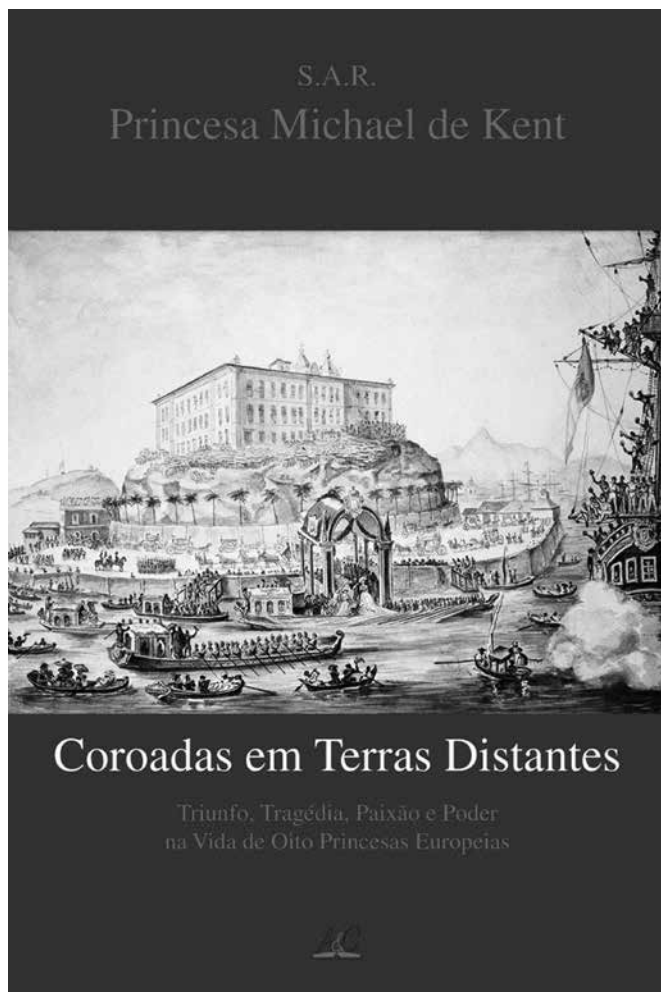
10 Acervo Museu Castro Maya, carta de 29 dez. 1947.

11 Idem.

12 Idem.

13 Acervo Museu Castro Maya, carta de 18 dez. 1947.

14 Sá, Ivan Coelho. In Sonia et al. *Relatório das atividades da Comissão de Avaliação de Autenticidade das obras atribuídas a Debret em museus do Instituto*



Falsificação a partir de Jean-Batiste Debret (autor desconhecido), *Desembarque da Princesa Leopoldina*, aquarela, s.d., livro *Coroadas em Terras Distantes* (Editora Ambientes)

do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan.
Rio de Janeiro: Iphan, 2009:181.

15 Idem, ibidem.

16 Idem, ibidem:162.

17 Idem, ibidem:179.

Marcelo Bortoloti é mestre em artes pela Universidade Federal Fluminense, doutorando em literatura brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.